

## **Ciberativismo e o Feminismo em rede: a propagação das #PrimeiroAssédio e #MeuAmigoSecreto<sup>1</sup>**

Isabela Castellani do Amaral<sup>2</sup>  
Liráucio Girardi Júnior<sup>3</sup>  
Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP

### **Resumo**

Pretendo nesse artigo discutir como o ativismo virtual se comporta nas redes sociais online e como estas redes, como Facebook e Twitter, são parte importante na sua propagação e compartilhamento além das fronteiras geográficas. Partindo do entendimento do que é o ciberativismo e do que se entende por cultura de conexão e cultura da internet será possível fazer um paralelo mais concreto através das hashtags #PrimeiroAssédio e #MeuAmigoSecreto lançadas no final de 2015.

**Palavras-chave:** ciberativismo; cibercultura; hashtag; redes sociais; feminismo

### **Introdução**

O ser humano sempre teve necessidade de se comunicar como forma de sobrevivência. É uma característica inerente ao ser humano, o que sugere o fato das várias formas de expressão que utilizamos para transmitir ideias, conceitos e sentimentos. O gesto, a fala, as expressões facial e corporal são os mais básicos sinais de comunicação. No entanto, estamos além da compreensão da mente humana quando esta resolve se expressar no mundo virtual. Os gestos mudam para cliques, a fala para textos de efeito e a expressão para símbolos e fotos.

A internet é na atual conjuntura da sociedade moderna o centro das atividades humanas, ou pelo menos é o que demonstra o número de atividades virtuais na web. Basicamente tudo gira em torno da possibilidade de conexão. O ser humano tem a necessidade de se manter na maior parte do tempo conectado com o mundo, não importa se física ou virtualmente.

O acesso à internet ainda está longe de ser total, no entanto já abrange uma grande parcela da população mundial. Rousiley Maia discute como se dá a esfera pública na internet e suas características. Segundo ela o acesso à rede não depende somente de ter a ferramenta para se conectar, mas também da possibilidade de se utilizar dessa rede. Ou seja, de se comunicar, adquirir e interpretar as informações dessa rede.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no II 05 – Jornalismo do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 17 a 19 de junho de 2016.

<sup>2</sup> Recém-graduada em Comunicação Social – Habilitação em Midialogia pela Unicamp, e-mail: isa.castellani1@gmail.com

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do curso de Comunicação Social – Habilitação em Midialogia da Unicamp e-mail: lira.sociologia@gmail.com

Estar conectado, existir na internet, é praticamente como estar vivo no mundo real, principalmente para a população jovem da sociedade. As gerações que nasceram depois da popularização da internet estão cada vez mais relacionadas a essa e a outras tecnologias em geral.

Os meios de comunicação tradicionais e conservadores passaram a disputar um espaço antes dominado por eles. Essa disputa gera uma abrangência de temas e contextos tidos antes como tabu dentro de nosso convívio social, pois ampliam a fonte de informação. Esses meios de comunicação de massa e o pós-massivos passam a coexistir através da reconfiguração e recombinação que serão parte essencial da cibercultura.

Esse uso intensificado da rede trouxe visibilidade para minorias, que até então não tinham voz e nem espaço suficientes para discutir questões importantes para a sociedade.

É possível ver a influência das redes sociais, como o Facebook, que em 2015 fechou com cerca de 1,59 bilhões de usuários ao redor do mundo (G1, 2016), na sociedade e o Twitter, que no primeiro trimestre de 2015 anunciou 302 milhões de membros em sua rede (TECHTUDO, 2015). Movimentos sociais passaram a ser articulados também através de eventos no Facebook. Isso se tornou mais perceptível a partir da Primavera Árabe de 2011 e das Jornadas de Junho de 2013 no Brasil, que tomaram uma proporção inimaginável.

Foi a partir desses eventos que a mídia independente ganhou mais força, uma vez que a transmissão dos meios de comunicação tradicionais são parciais e distorcem a realidade dos protestos. Nesse contexto os jornais independentes e os meios de comunicação alternativos, como páginas em redes sociais, foram cruciais para a difusão das informações em tempo real dos protestos ocorridos, uma vez que eram os próprios participantes que publicavam imagens, vídeos e narravam o que estavam vendo nas ruas durante as manifestações.

Além de manifestações concretas nas ruas, como as Jornadas de Junho de 2013 e recentemente os protestos contra e pró-governo de 2016 vemos também campanhas sociais virtuais como mais um efeito do ativismo virtual.

Para Rousiley Maia, além do acesso físico e técnico à internet é preciso entender que as discussões permeadas por ela não acontecem espontaneamente, ou seja, o ciberativismo acontece devido ao interesse dos usuários da rede em manter uma comunicação virtual e criar ações a partir dela.

Através do uso de linguagem própria desse meio diversas campanhas têm surgido a fim de chamar a atenção para questionamentos antes velados ou naturalizados que

necessitam de desconstrução na nossa sociedade. Memes e hashtags formas utilizadas para se difundir uma campanha tanto publicitária quanto social. São esses elementos altamente compartilháveis que circulam pela internet com uma velocidade impressionante e que alcançam lugares cada vez mais inatingíveis anteriormente. A exemplo disso tomemos duas hashtags que tomaram grandes proporções nas redes sociais, principalmente Facebook e Twitter. #PrimeiroAssédio e #MeuAmigoSecreto no fim do ano de 2015.

Pretendo nesse artigo discutir como o ativismo virtual se comporta nas redes sociais online e como estas redes, como Facebook e Twitter, são parte importante na sua propagação e espalhamento além das fronteiras geográficas.

### **Cultura da Conexão**

A cultura da Internet pode ser entendida através da cultura de seus criadores. Cultura essa entendida por Castells como o universo de crenças, valores e ações que geram padrões de comportamento repetidos por instituições. Segundo ele a cultura da internet é formada por quatro camadas: tecnomeritocrática, a cultura hacker, a cultura comunitária virtual e a cultura empresarial. (CASTELLS, 2003). Essas quatro camadas interligadas dão a ideia de liberdade como o cerne da cultura da internet, não como sua fundadora, mas como essência para grande parte dos criadores da internet.

É nessa fase da criação da internet que podemos notar a valorização do compartilhamento de conhecimento. Durante a fase de criação de sistemas de comunicação entre computadores a ideia de que se deveria compartilhar conhecimentos para um melhor desenvolvimento era amplamente discutida e promovida e foi através desse debate e trocas de informações pelos chamados hackers que podemos ter hoje a internet tal qual a conhecemos e utilizamos.

A partir da possibilidade tecnológica passaram a surgir comunidades virtuais criadas pelos usuários das redes de computadores estabelecendo padrões de comportamento e organizações sociais. Nesse contexto a camada empresarial foi importante para difundir e expandir a internet, porém com a ideia de moldar a internet com usos comerciais e lucrativos acabou por popularizando-a, uma vez que surgiu de esforços comunitários virtuais tal qual a cultura hacker.

“A cultura da Internet é uma cultura feita de uma crença tecnocrática no progresso dos seres humanos através da tecnologia, levado a cabo por comunidades de hackers que prosperam na criatividade tecnológica livre e aberta, incrustada em redes virtuais que pretendem reinventar a sociedade, e

materializada por empresários movidos a dinheiro nas engrenagens da nova economia.” (CASTELLS, 2003)

A cultura não é estática e nem isolada, portanto está sempre em construção e mudanças. No âmbito da internet funciona da mesma forma, assim como a cibercultura, que está sempre sujeita a transformações e diferentes combinações. André Lemos nos apresenta a cibercultura como território recombinate e como ciber-cultura-remix.

A cibercultura teria em sua base fundadora três características essenciais e interconectadas: liberação do polo de emissão, o princípio de conexão em rede e a reconfiguração de formatos midiáticos e práticas sociais. Esse novo tipo de organização transforma as relações entre espectador e receptor na sociedade agora com os meios de comunicação pós-massivos. “Trata-se de crescente troca e processos de compartilhamento de diversos elementos da cultura a partir das possibilidades abertas pelas tecnologias eletrônico-digitais e pelas redes telemáticas contemporâneas.” (LE MOS, 2006)

Essa base da cibercultura pode ser resumida em:

- Liberação do polo de emissão: a possibilidade do antigo receptor da informação também produzir conteúdo;
- Princípio da conexão: para emitir informação é preciso se conectar com o mundo, só assim a informação poderá ser vista por todos. Tudo está conectado, pessoas, objetos, lugares, redes - territórios recombinares;
- Recombinação: a ideia de que as informações podem ser lidas, interpretadas e criar novas e novos produtos a partir de uma informação inicial.

Desde o pós-modernismo a noção de autor, obra e propriedade entra em declínio quando passam a se utilizar de obras já completas para a criação de outras. Na cibercultura isso se torna mais evidente com a terceira lei, a de recombinação. Nessa lei as obras originares não deixam de existir, mas são incorporadas em novas produções, criando um produto diverso. Essa recombinação acontece não só na confecção de uma obra, mas também nas estruturas sociais, nas instituições e nas práticas comunicativas ao contexto que pertence. A exemplo disso Lemos demonstra como as artes eletrônicas, os podcasts, os blogs fazem parte dessa cibercultura recombinate.

Lemos utiliza estas três leis para explicar o território recombinate a qual a cibercultura está inserida. Para ele os territórios informacionais recombinares provêm da intersecção entre espaço urbano e espaço eletrônico, criando um espaço híbrido de fluxo de informação. Dentro desse contexto entram os memes e hashtags como linguagens próprias

dessa cibercultura e como forma de recombinação nesse território informacional recombinante.

Essas linguagens podem ser entendidas como chaves para que o fluxo de informações dentro da rede ocorra mais facilmente e rapidamente. Memes, por exemplo, são unidades altamente replicáveis entre as pessoas tal qual o “gene” dentro do contexto da evolução genética. Quem faz essa relação e define o conceito de meme é Richard Dawkins em 1976 quando lança o livro “O Gene Egoísta”. (RECUERO, 2006).

Com o aumento de usuários-produtores de conteúdo o número de informações compartilhadas na rede, que já era grande, aumenta exponencialmente e para não se perder nesse enorme bolo de conteúdo, se fez necessária formas de organização. Atualmente uma das possibilidades mais usadas são as hashtags, acompanhadas pelo símbolo “#”. Elas fluem rapidamente pela internet em diversas redes sociais online, mais frequentemente no Twitter, Instagram e Facebook.

O pesquisador Pedro Ivo Rogedo baseado nos estudos de Lei Yang identifica um duplo sentido no uso das hashtags. Além de classificatória, fazendo o papel de organizadora de informação, é também detentora de uma lógica de rede, ou seja, sua exibição demonstra um tipo específico de comportamento nas redes sociais online, o qual será explicitado mais adiante.

### **Ciberativismo**

A crise na democracia e o aumento do descrédito do poder público, aliados ao aumento do uso das redes sociais na internet, nos levam a crer no desenvolvimento do ciberativismo como alternativa de liberdade de expressão e força do poder popular.

O ciberativismo ou ativismo virtual pode ser entendido como conjunto de ações de causas políticas articuladas por meio de uma rede offline ou online de forma horizontal, politizada e com tendências descentralizadoras. Em meados dos anos 1980 um primeiro exemplo de ciberativismo foi conhecido com a primeira versão do PeaceNet, uma rede de ativistas políticos que se comunicavam por sites e listas de email além das fronteiras internacionais (SILVEIRA, 2010).

Diógenes Lycarião e Rafael Cardoso Sampaio no artigo, “Sociedade civil online: diferentes usos da internet para fomentar a participação política”, pensam a participação política e sua relação com os meios de comunicação a partir de três possibilidades: influência indireta dos cidadãos na política, participação direta e discussão política visando

um maior engajamento e entendimento político. Os autores indicam também as formas de uso da internet e as dividem em quatro categorias: “a) interpretação de interesses e construção da identidade coletiva; b) constituição da esfera pública; c) ativismos políticos, embates institucionais e partilha de poder; d) supervisão e processos de prestação de contas.” Para esses estudos eles utilizaram as proposições de participação política de Jan Teorell e a utilização da internet a partir do estudo de Rousiley Maia. (LYCARIÃO, SAMPAIO, 2010).

Segundo os autores, a influência indireta aconteceria através da demonstração da vontade política do cidadão, como a prestação de contas dos governantes, que dão o nome de accountability. O voto é o exemplo mais clássico dessa participação, em que escolhemos o representante de nossas vontades políticas. A segunda definição seria uma participação mais ativa do cidadão, ou seja, ele diretamente tem a oportunidade de participar de parte de uma decisão política. Aqui a sociedade civil teria poder suficiente para não só influenciar em alguma decisão política, mas também para tomá-la. E a terceira definição seria a discussão política, ou seja, o cidadão se demonstra interessado e engajado politicamente para entender os mecanismos e abordagens do sistema político de seu país e mais localmente de sua cidade. É através desse conhecimento que o cidadão se torna capaz de influenciar e agir diretamente sobre decisões políticas de seus governantes.

Pegando esses três modelos de participação do povo no sistema político a qual pertence, pode-se relacionar aos quatro usos da internet citados anteriormente como formas integrantes da participação política.

A primeira forma: “interpretação de interesses e construção da identidade coletiva” seria a relação de identidade de seus participantes, ou seja, há uma possibilidade de que quanto mais as pessoas participantes se identificam umas com as outras a chance dessa rede crescer seria maior e mais eficaz em atingir seus objetivos. A sensação de pertencimento a uma comunidade através de uma identidade unificada conecta pessoas com objetivos similares e fortifica a noção de laços nas redes sociais online.

A segunda proposição: “constituição da esfera pública” que se dá a partir da possibilidade de se discutir política. Através do conhecimento e da discussão que será entendido o sistema político vigente e conseqüentemente uma geração maior de ideias e ações coletivas.

“Nesse caso, as associações cívicas engajam-se em atividades reflexivas e democráticas para testar ideias, imaginar novas ações e propor soluções alternativas para seus problemas. Esse tipo de discussão aumenta a qualidade dos julgamentos democráticos,

reduz a arbitrariedade e a instabilidade dos mecanismos de agregação de preferências, além de conceder legitimidade aos procedimentos e resultados das decisões tomadas. A efetivação dessa discussão em um processo de participação política se dá quando os entendimentos e argumentos mobilizados na internet e na esfera pública como um todo, produzem uma resposta por parte do sistema político.” (LYCARIÃO, SAMPAIO, 2010)

Nesse sentido a internet pode ser entendida como uma esfera pública virtual, ou seja, um espaço que permite a discussão de interesses comuns, a formação de opinião e o planejamento de ações. (MAIA, 2008). Esse lugar permite a interação mais direta dentro da sociedade civil afim de discutir questões de interesse público sem envolver necessariamente uma instituição política.

A terceira proposta: “ativismos políticos, embates institucionais e partilha de poder” tem um efeito similar ao da segunda proposição, no entanto o debate e as ações a fim de modificar ou influenciar as decisões do Estado ainda ocorrem indiretamente, assim essa partilha do poder vem de ações inicialmente estatais que concedem à sociedade civil parte do poder de tomada de decisão. Portanto, uma participação cada vez mais direta do cidadão no âmbito político, tal qual umas das características de participação política citadas anteriormente.

A última proposição: “supervisão e processos de prestação de contas” tem como objetivo permitir ao cidadão comum o acesso à informação acerca de seus representantes, ou seja, dá ao cidadão a possibilidade de acompanhar os processos políticos daquele que foi eleito. O portal Transparência Brasil, existente desde 2000 utiliza da internet para disponibilizar essas informações. (LYCARIÃO, SAMPAIO, 2010)

Pensando nessas relações e em como o ativismo virtual vem funcionando no Brasil, é possível identificar diversos exemplos relevantes que se utilizam da internet para fomentar a discussão política no país, criar ações coletivas e disponibilizar informações acerca da política brasileira: o aplicativo Panela de Pressão, criado e mantido pela Rede Nossas Cidades e o Centro de Mídia Independente Brasil são dois grandes exemplos.

Em 1999, a fim de fazer uma cobertura alternativa dos protestos de Seattle, foi criado o Independent Media Center (IndyMedia). Foi fundada por organizações de mídia alternativa e independente e ativistas que visavam dar acesso ao público as informações diretamente dos protestos que eram distorcidas pelas grandes mídias. Durante os protestos textos, fotos, áudios e vídeos, eram enviados por jornalistas, voluntários em tempo real para

o site. A partir daí diversos outros países fundaram seus Centros de Mídia Independente. No Brasil o centro existe em doze cidades.

O Centro de Mídia Independente Brasil funciona como uma rede de produtores e produtoras que disponibiliza ao público informação e críticas alternativas daquelas transmitidas pelos grandes meios de comunicação, que tendem a distorcer fatos de acordo com sua posição política. Pretendem fomentar assim a discussão política da sociedade civil através de uma fonte diversa de informação capacitando o cidadão a construir uma sociedade mais livre (SITE CMI BRASIL).

A Rede Nossas Cidades é uma rede de ativismos e mobilizações que reúne diversas outras redes para melhorar a qualidade de vida em cidades brasileira através do ciberativismo (SITE REDE NOSSAS CIDADES). A Rede formula diferentes frentes de trabalho em plataformas digitais para que os objetivos sejam atingidos. Até o momento são nove cidades envolvidas. A Rede Minha Campinas, é uma das que participa dessa ação.

“A Minha Campinas é uma rede de pessoas conectadas na construção de um processo mais participativo das tomadas de decisão de interesse público da cidade, por meio de mobilizações e fomento a comunidades de ação, utilizando tecnologias sociais e digitais de maneira estratégica, criativa e humana.” (SITE MINHA CAMPINAS)

Um de seus métodos é a plataforma Painel de Pressão, a qual tem o papel de pressionar através de lista de emails, Facebook, Twitter e telefone os governantes votados pelos cidadãos a cumprir o que foi proposto ou a revogar alguma decisão política. A ideia desse projeto é que o cidadão entre em contato direto com o governante, gestores públicos, etc., a fim de influenciar sua decisão política. A abertura da Avenida Paulista aos domingos na cidade de São Paulo foi uma dessas conquistas da Rede Minha Sampa, uma das organizações da Rede Nossas Cidades em conjunto com o Sampa a pé.

### **As hashtags ativistas**

As hashtags surgiram no Twitter para categorizar o conteúdo colocado na internet facilitando uma busca posterior daquele termo. A rigor qualquer palavra ou conjunto de caracteres precedidos do símbolo “#” (hash, em inglês), pode ser considerado uma hashtag e poderá ser postada nas redes sociais online como Twitter, Facebook e Instagram. Essas hashtags carregam consigo informações além do que vemos, ou seja, ao clicar em uma hashtag podemos ver quantas e onde foram utilizadas (COSTA-MOURA, 2014).



Fernanda Costa-Moura parte da psicanálise para discutir o papel do sujeito na proliferação das hashtags e se baseia em Lacan, principalmente quando explica que o sujeito não é estático e sim mutável, assim como o discurso, que sua própria natureza já indica que não acaba em si mesmo, ou seja, ele se modifica e se torna outro. Ela cita a ideia de um desuniverso, como uma a impossibilidade de localizar o discurso original, uma vez que a mutação do discurso faz com que sua origem já não possa ser reconhecida. Se pensarmos que a tecnologia permitiu até certo ponto uma desterritorialização (LEMOS, 2006), o discurso produzido pelos jovens nas redes sociais através das hashtags integra essencialmente esse desuniverso e cria uma movimentação dentro da rede, ou seja, a possibilidade de propagar.

“Deixando de lado a pretensão de explicar e de compreender, se nos ativermos, à maneira de Barthes (1971[1984]/1988), a fazer "levantamentos de discurso" encontraremos talvez na multiplicação das *#hashtags* convocando e suportando tantos movimentos sociais contemporâneos, este habitante de um *desuniverso* do discurso criado pela tecnociência; e a própria prática linguageira dos jovens na web configurando um modo de inserção que não se detém em analisar, discutir, decodificar a vida social, e sim de sobrecodificar, produzir, multiplicar, amontoar linguagens. E deixar-se atravessar por elas. Contra um capitalismo que se globalizou baseado em estruturas verticais e hierarquizadas, eis que surgem movimentos que propõem e praticam formas de redes descentralizadas (CASTELLS, 2012), rizomáticas (DELEUZE & GUATARRI, 1980); sem personificação de lideranças nem comando de partidos.” (COSTA-MOURA, 2014)

A ampla utilização de hashtags na internet pode ser entendida através dos usos da internet evidenciadas por Maia e das três leis básicas da cibercultura citadas anteriormente. Segundo Maia, uma das proposições de uso da internet é a identificação, isto é, encontrar na internet um grupo ou um tema com o qual o usuário se identifique e se sinta parte de alguma coisa. Além de classificar, as hashtags são usadas como forma de pertencimento na rede, portanto, uma forma de se identificar com um grupo virtual, estimulando sua ação dentro das redes sociais.

Dentro do contexto da cibercultura e suas características básicas podemos verificar que a hashtag se encontra em todas elas. A possibilidade de se criar e difundir uma hashtag por qualquer usuário é facilitada pela lei da liberação do polo de emissão; para que essa difusão ocorra é necessário estar conectada, tal qual a segunda lei e permite uma grande gama de recombinação midiática, uma vez que pode ser modificada e articulada a outros meios de comunicação, como os meios massivos, e temas dentro da própria hashtag.

Vemos, portanto, uma relação direta entre essas características, os usos da internet relacionadas ao ciberativismo e a base da cibercultura e as hashtags escolhidas.

### **Feminismo em rede**

A internet tem então um grande papel na luta das minorias para conseguir visibilidade e voz para suas pautas de reivindicações. A luta pelos direitos das mulheres, por exemplo, é uma das que vem ganhando bastante espaço na mídia alternativa. Existem hoje inúmeras ONGs e diversos coletivos que estudam e lutam pelos direitos das mulheres.

A luta feminista consegue atingir cada vez mais um número maior de pessoas e consequentemente de adeptos ao combate da violência contra a mulher e defesa por seus direitos. A partir dos anos 2000 há uma intensificação do uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação alcançando uma maior visibilidade para esse movimento (BORTOLIN, MALINI, MALINI, 2015). Como dito anteriormente a cibercultura pode ser definida a partir de três leis principais e podemos ver o uso das redes pelo movimento feminista como um exemplo que engloba essas três leis.

Com a liberação do polo de emissão a mulher encontrou espaço para reivindicar seus direitos, a conectividade permitiu compartilhar seus ideais, trocar informações e promover uma união maior entre as comunidades locais se tornando uma comunidade global e a recombinação fez com que o movimento fosse sempre renovado e colocado em pauta em debates de direitos humanos globais.

O Think Olga é uma organização não governamental que através da informação pretende empoderar as mulheres para que tenham livre escolha sobre sua própria vida. Fundada pela jornalista Juliana de Faria em abril de 2013, o coletivo promove campanhas e publicações online para o “empoderamento pelo conhecimento”. Em seu site podemos encontrar diversos artigos escritos por, para e sobre mulheres, projetos artísticos e campanhas na luta contra a violência a mulher brasileira. A ONG está presente em diversas redes sociais, como Facebook, Twitter, Instagram e Pinterest, divulgando o maior número de informações como notícias, imagens e eventos sobre feminismo e empoderamento feminino.

Dentre suas articulações está a campanha Chega de Fiu Fiu, lançada em julho de 2013 a fim de combater o assédio sexual nos espaços públicos. Como parte dessa campanha a #PrimeiroAssédio surgiu em resposta aos comentários de cunho sexual sobre uma participante de 12 anos do programa MasterChef Júnior. Brasil em 20 outubro de 2015. O

programa que é voltado para a culinária virou alvo de comentários sexuais e assediadores por maioria parte do público masculino.

O objetivo da hashtag era colocar em pauta a discussão do assédio sexual na infância. Em pouco tempo milhares de pessoas aderiram à campanha. As mulheres eram convidadas a relatar sua primeira experiência com violência contra a mulher.

Um mês depois outra hashtag com cunho feminista ganhou força nas redes sociais, dessa vez não estava atrelada a nenhuma organização ou coletivo, mas surgiu espontaneamente pela rede. A hashtag #MeuAmigoSecreto iniciou em novembro de 2015 a fim de questionar o machismo que vivemos no dia-a-dia. A hashtag vinha acompanhada de um texto contando alguma situação comum que todas as mulheres já passaram ou de cunho pessoal, como forma de denúncia anônima de algum abuso sofrido por aquela pessoa.

Sete jovens mulheres que se conheceram através da militância feminista deram início a essa campanha como forma de reivindicar o lugar da mulher no espaço público. Elas contam que a ideia começou dispersa depois do sucesso da #PrimeiroAssédio, um ponta pé inicial no twitter do coletivo Não Me Khalo e de um *post* sobre o tema no perfil pessoal do Facebook de uma das militantes, o qual acabou sendo compartilhado muitas vezes. Foi criada então uma página para condensar as postagens com a hashtag, que hoje conta com 14.172 curtidas até 05/05/2016 aproximadamente às 15h (COHEN, 2015).

O dia escolhido foi 25 de novembro, que marca a luta para a eliminação da violência contra a mulher. A hashtag tem referência na brincadeira de fim de ano em que antes de ser revelado o amigo secreto é feita uma descrição dessa pessoa, nesse sentido a hashtag descrevia ações machistas cotidianas.

As duas hashtags tiveram grande participação dos usuários de redes sociais. Segundo pesquisas feitas pelo próprio coletivo [Think Olga] em dois dias de publicação a #PrimeiroAssédio já tinham 29 mil tweets ficando no Trending Topics de outubro e até dezembro foram 100 mil replicações no Twitter (FACEBOOK THINK OLGA, 2015; SITE THINK OLGA, 2015). Em dezembro mais de 11 milhões de pesquisas relacionadas à campanha e ao termo foram feitas (GOOGLE TRENDS, 2015). A hashtag #MeuAmigoSecreto teve 170 mil menções só no Twitter até dezembro do mesmo ano (SITE THINK OLGA, 2015), além do livro “#MeuAmigoSecreto: feminismo além das redes”, lançado em abril pelo coletivo Não Me Khalo.

As duas hashtags fizeram parte de movimentos exclusivamente online, ou seja, a discussão das pautas e ações se deram no campo virtual, mas com efeitos no real, uma vez

que individualmente as campanhas influenciam comportamentos dentro da sociedade civil. É interessante notar que as duas hashtags surgiram em momentos próximos e possivelmente, por isso mesmo tenham se fortalecido coletivamente, pois suas referências e momentos eram os mesmos, portanto, possibilitou atingir um maior número de pessoas que já estavam envolvidas em uma ou em outra.

### **Considerações Finais**

A cultura da internet nos inseriu em um novo modelo de comunicação permitindo uma forma mais horizontal e descentralizada de discutir ideias e trocar informações. Coexistindo com o modelo anterior, das mídias massivas, a cibercultura traz uma relação de maior proximidade entre usuário e conteúdo, ou seja, o antigo espectador se torna agora produtor de informação. Essa possibilidade é explicada através das leis que “regem” a cibercultura como propõe Lemos.

Vivemos em um contexto em que a defesa dos direitos humanos se intensifica com o desenvolvimento tecnológico e o uso das redes sociais online. A cibercultura tem papel importante na difusão dos movimentos sociais atuais, pois consegue hoje englobar diversos setores que eram antes negligenciados e fragmentados.

A luta pelos direitos da mulher e a eliminação da violência contra a mulher é um dos movimentos que mais se beneficiou do uso intensivo da internet e das redes sociais online. Diversos coletivos e organizações tomaram a rede como solo fértil para semear o empoderamento feminino e com isso influenciar mudanças estruturais e sociais em âmbito global.

As estruturas técnicas permitiram uma maior propagação de conteúdo na internet, principalmente nas redes sociais online. Além da técnica o deslocamento do sujeito, do discurso e sua relação com a linguagem nesse meio fez com que o uso das redes deixasse de ser apenas local para alcançar outras dimensões. A rede ao convergir o espaço real com o virtual faz emergir um espaço outro, híbrido, capaz de transformar local e globalmente a sociedade civil contemporânea.

As duas hashtags escolhidas se fizeram necessárias para entender como funciona a cultura da internet e como esta culminou no desenvolvimento do ciberativismo. #PrimeiroAssédio e #MeuAmigoSecreto foram duas campanhas de grande visibilidade espalhadas, principalmente no Brasil, e que nos levou a repensar questões antes

naturalizadas, mas que hoje já não fazem sentido no convívio social: o machismo vivido pelas mulheres no dia-a-dia e a violência contra a mulher.

Foi interessante perceber como as duas hashtags, mesmo que oriundas de pontos diferentes na rede, obtiveram grande repercussão. #PrimeiroAssédio lançada por uma organização não governamental já atuante na sociedade auxiliou a legitimar o sucesso da hashtag. A outra hashtag, #MeuAmigoSecreto, foi inserida por militantes do feminismo, mas não atreladas diretamente a nenhum coletivo e ainda assim ganharam força espontaneamente dentro da rede.

Costa-Moura nos explica isso através da descentralização da rede, ou as várias possibilidades de centralização. “Como 'usuários da rede', somos antes de mais nada o efeito engendrado nessa prática de "postar" que pode ser infinitizada.” (COSTA-MOURA, 2014). Aos usuários é permitida e estimulada a prática de postar, colocar na internet, qualquer informação que queira.

Portanto, ao estar conectado e estimulado a postar continuamente informações os usuários estão sujeitos a transitar por esse território recombinate e atingir perfis longínquos na internet. Isto acontece devido a interconexão de perfis em redes sociais, criando uma rede extensa de conhecimento. No entanto, ainda é preciso entender, qual a chave para que um perfil navegue por campos mais longínquos do que outros.

## Referências

BELLO, Luise. **Uma primavera sem fim.** 2015. Disponível em < <http://thinkolga.com/category/artigo/> >. Acesso em: 13 abr, 2016.

BORTOLON, Bianca, MALINI, Fabio, MALINI, Marianne. **Gênero e Ativismo Online: um estudo de caso da campanha Não Mereço Ser Estuprada no Facebook.** In: XXXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. 2015, RIO DE JANEIRO.

CASTELLS, Manuel. **Cultura da Internet** in A Galáxia da Internet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2003.

CMI. **Centro de Mídia Independente.** Disponível em < <http://www.midiaindependente.org/pt/blue/static/about.shtml> >. Acesso em: 08 abr, 2016.

COHEN, Marina. **‘Sofremos opressões todos os dias’, dizem criadoras da ação #MeuAmigoSecreto.** 2015. Disponível em < [http://oglobo.globo.com/sociedade/sofremos-opressoes-todos-os-dias-dizem-criadoras-da-acao-meuamigosecreto-18146174?utm\\_source=Facebook&utm\\_medium=Social&utm\\_campaign=O%20Globo](http://oglobo.globo.com/sociedade/sofremos-opressoes-todos-os-dias-dizem-criadoras-da-acao-meuamigosecreto-18146174?utm_source=Facebook&utm_medium=Social&utm_campaign=O%20Globo) >. Acesso em 05 mai, 2016.

COSTA-MOURA, Fernanda. **Proliferação das #hashtags: lógica da ciência, discurso e movimentos sociais contemporâneos.** 2014. Disponível em < [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-14982014000300012&script=sci\\_arttext&tlng=es](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-14982014000300012&script=sci_arttext&tlng=es) >. Acesso em: 19 abr, 2016.

DIAS, Pedro Ivo R. C. **O surrealismo na criação de uma hashtag.** 2014. Disponível em < <http://www.rogedo.com/blog/category/midias%20sociaise46a65a4ff> >. Acesso em: 19 abr, 2016.

G1. **Facebook anuncia crescimento dos lucros e do número de usuários.** 2015. Disponível em < <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2016/01/facebook-anuncia-crescimento-dos-lucros-e-do-numero-de-usuarios-20160127211006500148.html> >. Acesso em: 10 abr, 2016.

GOOGLE TRENDS. **Meu Primeiro Assédio: Quando um momento na tv vira uma campanha nacional.** 2015. Disponível em < [https://www.google.com/trends/story/BR\\_cu\\_Awe0NVEBAADmsM\\_en](https://www.google.com/trends/story/BR_cu_Awe0NVEBAADmsM_en) >. Acesso em: 25 abr, 2016.

LEMONS, André. **Cibercultura como território recombinate.** 2006. Disponível em < <http://www.com.ufv.br/cibercultura/wp-content/uploads/2014/02/01.-Andr%C3%A9-Lemos-Cibercultura-como-Territ%C3%B3rio-Recombinante.pdf> >. Acesso em: 10 abr, 2016.

LYCARIÃO, Diógenes; SAMPAIO, Rafael Cardoso. Sociedade civil online: diferentes usos da internet para fomentar a participação política. **Rev. Estud. Comun.**, Curitiba, v. 11, n. 25, p. 97-106, maio/ago. 2010

MAIA, Rousiley C. M. **Democracia e a internet como esfera pública virtual: aproximação às condições de deliberação.** In Comunicação e Democracia: Problemas & Perspectivas. Wilson Gomes, Rousiley C.M. Maia. São Paulo: Paulus. 2008.

MANO, Maíra Kubik. **Internet, feminismos e a possibilidade de unidades provisórias.** 2015. Disponível em < [http://www.brapci.ufpr.br/brapci\\_repositorio/2015/12/pdf\\_3cf3f7b560\\_0000019062.pdf](http://www.brapci.ufpr.br/brapci_repositorio/2015/12/pdf_3cf3f7b560_0000019062.pdf) >. Acesso em 30 abr, 2016.

PERDIGÃO, Luisa. **#PrimeiroAssédio**: uma breve análise sobre relatos e feminismo na rede. 2015. Disponível em <<http://www.labic.net/blog/primeiroassedio-uma-breve-analise-sobre-relatos-e-feminismo-na-rede/>>. Acesso em: 22 abr, 2016.

RECUERO, Raquel. **Memes em weblogs**: Proposta de uma taxionomia. 2006. Disponível em <<http://www.raquelrecuero.com/compos2006.pdf>>. Acesso em 10 abr, 2016.

REDE NOSSAS CIDADES. Disponível em <<http://www.nossascidades.org/>>. Acesso em: 10 abr, 2016.

REDE MINHA CAMPINAS. Disponível em <<http://www.minhacampinas.org.br/>>. Acesso em: 10 abr, 2016.

REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÍDIA E COTIDIANO. **Redes Sociais Digitais na Esfera Pública Política: Exercícios de Cidadania**. Artigo Seção Dossiê Mídia e Cidade. Niterói. v6. n6. jul 2015.

RIGITANO, Maria Eugenia Cavalcanti. **Redes e ciberativismo**: notas para uma análise do centro de mídia independente. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/rigitano-eugenia-redes-e-ciberativismo.pdf>>. Acesso em: 08 abr, 2016.

SILVEIRA, Sergio Amadeu da. Ciberativismo, cultura hacker e o individualismo coletivo. **Revista USP**, São Paulo, n.86, p. 28-39, junho/agosto 2010

SITE THINK OLGA. **A Olga**. 2013. Disponível em <<http://thinkolga.com/a-olga/>>. Acesso em: 12 abr, 2016.

TECHTUDO. **Twitter recupera e cola no Instagram em total de usuários**: 302 milhões. 2015. Disponível em <<http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2015/04/twitter-recupera-e-cola-no-instagram-em-total-de-usuarios-302-milhoes.html>>. Acesso em: 10 abr, 2016.